

Festival do Teatro Brasileiro

Pensamento Crítico

Espetáculo: Iara – o encanto das águas

Mergulho no encanto das águas e das sombras
Por Márcio Bastos

A cultura brasileira é inegavelmente diversa e fundamentada nas influências portuguesas, dos povos africanos e indígenas. No entanto, a violência cultural cometida pelos colonizadores criou uma hierarquia que, até hoje, promove um apagamento da complexidade das tradições afro-brasileiras e ameríndias. Em “Iara – O Encanto das Águas”, espetáculo construído a partir do teatro de sombras, a Cia Lumiato buscou quebrar esse padrão, aprofundando-se em uma das lendas mais conhecidas da região amazônica.

Formada pelo brasileiro Thiago Bresani e a argentina Soledad Garcia, a Cia Lumiato tem desenvolvido uma pesquisa no teatro de animação, com foco no teatro de sombras. Para dirigir “Iara...”, chamaram um dos nomes mais proeminentes da área no Brasil, Alexandre Fávero, da Cia de Teatro Lumbra (RS). Juntos, eles desenvolvem um trabalho de delicadeza ímpar, unindo tradição e contemporaneidade para tocar em assuntos complexos, como a formação do povo brasileiro e a opressão da mulher.

A peça acompanha um jovem índio que passa a ter sonhos com uma mulher misteriosa. Ao indagar o pajé de sua tribo quem seria ela, conhece a lenda de Iara. Ela era uma mulher corajosa, guerreira. Era a também a filha preferida do pajé e, por isso, era invejada pelos irmãos, que montaram uma emboscada para assassiná-la. Ela, no entanto, consegue evitar esse destino e vence os irmãos, matando-os. Sem direito a defesa, foi jogada pelo pai no encontro dos rios, mas salva pela mágica da natureza, que a transformou em uma espécie de sereia, condenada a seduzir homens para as profundezas das águas. Nesse sentido, de forma sagaz, o grupo contrasta a Ipupiara, monstro indígena, com a sereia “europeizada”.

Ao longo dos 40 minutos de espetáculo, Bresani e Garcia criam um universo imersivo, uma experiência que nos conecta a uma parte de nossa ancestralidade historicamente negada. A construção das cenas tem uma dinâmica quase cinematográfica, com uso criativo da tridimensionalidade - a tela, ao contrário do teatro de sombras tradicional, não é reta e faz alusão ao formato das ocas indígenas.

Graças aos avanços tecnológicos, como a luz de LED, muito utilizada neste espetáculo, os artistas conseguem movimentações deslumbrantes e expandem suas possibilidades de se expressar poeticamente. O espetáculo exala brasilidade também no uso das cores, na criação de cenas que evocam a exuberância de nossa natureza, e na excelente trilha sonora de Mateus Ferrari, uma celebração das culturas indígenas.

No teatro de sombras contemporâneo, os artistas/sombristas não precisam mais se esconder do público, como se sua presença quebrasse o encanto daquelas imagens. Pelo contrário, logo nos primeiros momentos, Thiago e Soledad já mostram seus rostos para a plateia, escolha que engrandece o fascínio causado por aquelas imagens, manipuladas na frente de todos. Eles colocam seus corpos à serviço da dramaturgia e trabalham esta ideia tanto no início, quanto no final da montagem, quando “se misturam” aos personagens.

Para além de destreza técnica e criatividade cênica, o espetáculo impressiona por carregar um teor político que é trabalhado poeticamente, ao evidenciar a força da cultura indígena, tão massacrada na América Latina. Outro exemplo é a figura de Iara no espetáculo, que evidencia lutas contemporâneas, como a da mulher diante da sociedade machista que tenta silenciá-la.